

MORTE DA VERDADE

Aquele dia amanheceu lindo, tudo maravilhoso, até o vento que batia no corpo exalava vida, as plantas exalavam vida, o calor que batia na pele, deixava a vida latente. Foi assim que Josias acordou naquele dia: cheio de vida. Era estranho, não era comum ele se sentir daquele jeito. Em geral a vida diluía-se entre os seus dedos, passavam rapidamente, os minutos iam fluindo por suas veias e a sensação de que tudo estava se esvaindo permanecia durante todo o dia. Mas aquele dia era diferente. Ele até se sentia bem para sair na rua. Talvez não olhassem as cicatrizes do seu corpo, de suas mãos, ele sentia que não precisava se esconder. Talvez não precisasse, ao menos naquele dia, usar sua pesada roupa que escondia quase todo o corpo e esgueirar-se pela noite adentro para cumprir suas missões noturnas.

Ele se levantou, vestiu uma roupa leve e desceu do quarto de pensão de onde estava. Cumprimentou fervorosamente o dono do estabelecimento e foi à mesa tomar um café com pão duro e um queijo meio amarelado. Apesar da simplicidade, aquela refeição também era revigorante. Aquele dia estava estranhamente belo. O café não estava tão quente e logo ele virou a xícara sentindo sua língua queimar apenas na ponta. Naquele momento, antes de se levantar daquela mesa simples de cadeiras velhas de madeira e uma mesa semiúmida, foi interrompido pelo dono da pousada que estava estranhamente assustado.

Ele olhou Josias nos olhos, jogou o jornal na mesa e falou quase sem ar:

– Você está morto, Josias.

Josias até pensou em xingar o dono da pousada, mas, estranhamente, não se sentia confortável em usar aquelas palavras tão cotidianamente normais em outras situações, apenas retrucou:

– Dá esse jornal aqui.

O jornal estava dobrado no meio, ele o abriu lentamente e assim leu.

JORNAL DE SANTA ANA: MORRE JOSIAS, ENTERRO SERÁ HOJE.

CORTEJO PELA CIDADE, VELÓRIO NO CEMITÉRIO DA CIDADE.

– É um absurdo – Esbravejou Josias, e continuou – Estou bem vivo, diferente do editor desse jornalzinho ao final do dia, no que depender de mim.

Do nada, parecia que toda a vida que exalava daquele ambiente havia sido trocada por uma nauseante sensação. Assim, engoliu até o último pingo do café, empurrou o pão e o queijo na boca e foi em direção ao jornal. Ao passar da porta, ele se sentiu cada vez mais estranho. A rua estava cheia e todos que olhavam para ele diziam a mesma coisa:

– Mas ele está morto – Dizia uma mulher que passava.

– Sim, ele está morto, li hoje no jornal – Falava um senhor.

– Esse jornal tem credibilidade, prefiro não acreditar no que vejo – Falava um jovem.

Mas como as pessoas não acreditavam no que eles viam, há alguma forma de interpretação que uma pessoa que está viva na frente delas esteja, por algum motivo, na verdade morta? Josias queria tirar esse caso à limpo. Em meio aos olhares que as pessoas que mais acreditavam no que liam, do que no que viam, ele chegava lentamente na sede do jornal. O jornal da cidade estava nas mãos de um editor apenas, tocava quase que exclusivamente tudo. Escrevia, cuidava da máquina de impressão. Não conhecia o valor de suas manchetes até receber de uma fonte desconhecida a notícia que uma pessoa teria morrido e que o enterro seria no dia seguinte. Aquela notícia venderia, confirmou a fonte. Venderia, pois era o que o povo queria ouvir, eles queriam que aquela pessoa morresse, ela morreria, todo mundo ficaria feliz.

– Mas ela realmente morreu? - Perguntou o editor.

– É verdade tudo aquilo que o povo lê com convicção – Falou aquela fonte.

No dia seguinte, o jornal mal saia da impressora, todos ansiosos pelo enterro de Josias, o mesmo Josias que dizia estar vindo na frente do jornal.

– Quem escreveu essa mentira? – Gritou Josias.

– Quem é você? - Falou o editor, incrédulo.

– Sou a manchete do seu jornal. – Esbravejou.

– Mas você está morto, todo povo sabe disso. – Falou com um sorriso de canto de boca.

– Por conta dessa notícia, mas você está me vendo agora, como pareço estar?
- Mantendo o tom firme.

– Bem, aqui diz que você está morto, então, você parece estar morto, para mim.
– Arrematou o editor, parecendo não se importar com as reprimendas recebidas.

– Vou provar que estou vivo, vou nesse enterro que seu jornal publicou e resolver essa farsa.

Josias saiu assim mais irritado do que chegou. Como convencer a todos que ele estava vivo, se o povo todo acreditou no que leu sem questionar. Ninguém acreditava na verdade que estava na frente deles, via que, um a um, todos iam tomando o cemitério como direção. Como em um cortejo fúnebre, ele decidiu também ir.

la assim, seguindo o povo, em direção a seu próprio enterro. Alguns choravam, consolavam uns aos outros. Ninguém, porém, o conhecia minimamente, ninguém sabia as maldades que ele havia cometido. Era estranho tudo aquilo, pois parecia que morrer, naquele momento, era a redenção dele como pessoa. Era como se o perdão aparecesse em sua frente e oferecesse uma oportunidade. O clamor popular pela sua morte parecia, de certa forma, até aceitável.

A revolta pela mentira dita por todos, era trocada por uma aceitação. Era estranho, pois ele também sentia que estava morto. Mas o que o povo faria quando visse o caixão vazio que ia na frente de todos? Aquele caixão puxado por uma carroça bonita, acompanhados de um dos líderes religiosos da cidade de São Salomão.

Mais vazia que a notícia que estampava o jornal daquele dia, era a caixa de madeira que orientava todo aquele percurso. Mas todo caminho tem um fim, e logo, aquele cortejo cruzou a cidade e estacionou no cemitério. Assim chegava perto de uma cova. No lugar onde a cova havia sido cavada, existia uma árvore. Aquela árvore era bem distante da primeira sepultura, longe da capela que estava no centro daquele cemitério, talvez nem a árvore pensasse que ia morrer tanta gente a ponto dela morrer para dar espaço a um morto. Por conta a falta de tempo para dar destino à árvore, ela descansava cortada próxima à cova do suposto morto. Ela também seria testemunha de tudo aquilo. As mulheres choravam e cantavam, os religiosos puxavam rezas e orações. Enquanto isso, Josias bem que queria que fosse tudo verdade, ele estava sendo velado lindamente, só que ele estava vivo, ao lado de um caixão vazio. Começou a bater no caixão e tentar abrir, sendo recriminado por todos, pois ninguém deveria profanar o corpo de um morto. Mas se tinha um corpo ali, deveria ser o dele, já que era seu funeral. Depois de todos chorarem, alguns falarem como ele era bom, que era um exemplo, finalmente chegou o momento de descer o caixão para a cova. Nesse momento, tomado por uma raiva, Josias protestou:

– Eu estou vivo, não tem ninguém nesse caixão.

Então, no meio da multidão, apareceu uma mulher, ela estava de capuz, mas dava para ver suas madeixas ruivas caindo pelo pescoço, ela que havia dado a informação da morte de Josias ao editor do jornal gritando:

– Parem, abram o caixão.

O povo entreolhou, mas, após o consentimento de maioria, o caixão voltou ao chão e foi aberto. Para surpresa de todos, menos de Josias e daquela mulher, o caixão estava vazio. Porém, as pessoas não estavam irritadas por terem sido enganadas pelo jornal, elas estavam irritadas por um motivo: Josias deveria ir pro caixão dele, lá era o lugar dele de morto.

– Coloquem o morto no caixão – Disse a mulher.

Assim o povo fez, eles agarraram Josias pelo braço para colocar aquele cadáver vivo no seu lugar de descanso eterno. Josias, incrédulo, reagiu esmurrando um e empurrando outro. Porém, viu que não adiantava lutar, ele mesmo não acreditava mais que estava vivo. Como só ele estaria certo? Todos falavam que ele estava morto e que hoje era o seu enterro, ele que estava errado por se achar vivo naquele momento.

Assim, livrou-se das mãos da população e foi andando em direção ao seu caixão. Admirou o caixão, madeira forte, dentro do caixão estava todo acolchoado, ainda havia um vidro que ele veria a todos os que se despediriam do corpo vivo-morto dele. Entrou no caixão, permaneceu sentado um pouco, viu que muitos ainda estavam emocionados pelo seu velório, mulheres de olhos marejados, homens que escondiam o choro e até uma ou outra criança. Olhou bem nos olhos verdes daquela estranha que tinha intervindo e decidiu, por fim, deitar-se no conforto daquela sua “casa”.

Logo após ele se deitar, o caixão foi fechado e lentamente, por meio de algumas cordas, descido até o final da cova. Ele sentiu os solavancos, a batida oca da madeira na terra, por fim, sentiu que estavam jogando areia com as pás para tampar a cova.

Não era possível ouvir nada mais, a sua visão foi escurecendo e a terra acomodando todo o ambiente, de nada adiantava toda aquela vida do início do dia quando a única verdade em que Josias acreditava estava morta. Ele acreditava que aquela verdade estava viva, mas ela teve seu velório naquele dia. O ar da mentira foi acabado, seus pulmões pediam ar de verdade, trancado num caixão escuro foi que ele percebeu. Ele estava bem vivo, todos estavam errados. Porém, em breve, de nada adiantaria, ele morreria por falta de ar e todos só acreditariam naquilo que haviam lido.

E eles estavam certos!